

CAPÍTULO IV

ZWANGUENDABA

As agitadas migrações, depredações e subdivisões do grupo heterogéneo originalmente chefiado por Zwanguendaba, interessa-nos por quatro razões:

- a) por haver atravessado e efectuado razias em parte do território de Moçambique;
- b) por haver incorporado no seu sistema social e militar numerosos elementos tsongas do Sul do Save;
- c) por haver permanecido durante quatro ou cinco anos entre os Nsengas que se prolongam pela actual circunscrição da Marávia;
- d) por serem dele originários os núcleos que a si próprios se designam por angonis, dispersos pelos distritos do Niassa e Cabo Delgado;
- e) por Mpezeni, um dos seus mais directos descendentes, ter chegado a prometer vassalagem à Coroa e a aceitar a Bandeira Portuguesa, até à efectivação do acordo de fronteiras de 1891.

J. D. Omer-Cooper ⁽¹²⁴⁾ considera Zwnguendaba como um dos mais notáveis dirigentes que surgiram na história africana. Vencendo recontros após recontros, mantendo a coesão do grupo que formou com elementos de tão díspares proveniências, percorreu milhares de quilómetros através de regiões desconhecidas e lançou os alicerces de uma habilíssima organização política e social.

Tem sido considerado como chefe do clã Jere mas como se não encontra tal apelido no actual território ndwandwe, G. Nurse⁽¹²²⁾ julga plausível a explicação de Bryant segundo a qual o seu verdadeiro clã seria *Gumbi*, o qual tem *Jere* como *thakazelo*, o epíteto honorífico.

A sua partida parece ter-se devido não apenas ao temor de enfrentar Chaka em combate mas também a uma notória ambição de ganhar prestígio e independência em relação a Zwide, que jamais lhe mostrara deferência especial⁽¹⁴³⁾ apesar de ter casado com uma sua parente do clã Nxumayo. Segundo a tradição, ter-se-ia, inclusivamente, furtado a participar na batalha travada em 1818 ou 1819 que conduziu à derrota dos Ndwandwe e ao ulterior aniquilamento de Zwide.

Teria sido, como N'qaba, acompanhado por membros do clã Nzi-mela, cujo *thakazelo* era *Nguni*⁽¹⁰⁴⁾.

Do mesmo modo que Sochangana (mas instalado mais ao norte, no vale do Incomáti) foi, em 1822, contactado por oficiais britânicos da esquadra do Comandante Owen. Este dá uma versão da partida que também confirma o seu antagonismo em relação a Zwide e a sua falta de participação na batalha travada em 1818 ou 1819. Zwanguendaba teria desempenhado as funções de regente durante a menoridade de seu sobrinho Zwide. Quando este atingiu o direito a reinar, só pela força das armas conseguiu expulsar o tio do poder. Vencedor, obrigou-o a deixar o país ndwandwe acompanhado pelos respectivos parentes e aderentes.

Como Sochangana e N'qaba, permaneceu, por algum tempo, no actual distrito de Lourenço Marques. Afirma Chibambo⁽²⁶⁾ que Sochangana — impellido por aleivosos intuits — simulou conceder-lhe autorização de partida, para logo mandar secretamente aprisionar ou chacinar-lhe as mulheres, as crianças e as manadas que, confiantes, seguiam na vanguarda. Embora Zwanguendaba e os seus guerreiros hajam reavido parte do saque, tiveram que acelerar a sua migração ao longo do vale do Limpopo por volta de 1825. Ter-se-ia iniciado por este traíçoeiro massacre o processo estrutural de incorporação sistemática de cativos de guerra, visto haver forçado os jovens guerreiros, logo de início, a casar-se com mulheres tsongas.

No país venda foi encontrar Ngwana, chefe do clã Maseko, que não tardou em repelir.

Atingiu o núcleo central da complexa cultura dos Mambos Rozwis, continuadores do velho império do Mwene Mutapa. Por volta de 1833 os seus guerreiros saquearam o Grande Zimbábue, Khami e Dhlo-Dhlo e outros centros onde residia a aristocracia dirigente. Os modernos arqueólogos encontraram provas concludentes da violência destes ataques.

No centro que os Rozwis conheciam pelo nome de Manyanga e que veio posteriormente a ser cognominado Taba Zika Mambo, os regimentos cercaram o último Mambo e o seu séquito. Segundo o testemunho ocular de um velho guerreiro de Zwanguendaba, recolhido por um administrador rodesiano em 1898 (^{139A}) o Mambo, do alto de escharpa, gesticulou para que os atacantes formassem na base e, depois de dançar, lançou-se de 30 metros de altura e veio baquear aos seus pés. Quanto ao séquito desapareceu a coberto da noite.

Posteriormente Zwanguendaba entrou pela segunda vez em conflito com Ngwana na região do actual Fort Victoria. Magadlela, regente sucessor do Ngwana, penetrou no território moçambicano e, depois de contactar com N'qaba na região da Gorongosa, aliou-se a este para perseguir Zwanguendaba, o qual, batido pela coligação em 1834 ou 1835, algures entre Manica e a actual Salisbúria, decidiu atravessar o Zambeze, entre a Chicoa e o Zumbo, em 20 de Novembro deste último ano, data conhecida por um eclipse do Sol (¹³⁵). Além de Thongas e Swazis, as suas hostes já compreendiam, nessa ocasião, cativos Sothos, Chonas e Karangas (*).

Alega H. von Sicard (¹⁵⁴) que atingiu o Báruè em 1834 e tentou atacar Tete antes de decidir atravessar o Zambeze. Em face dos acontecimentos já narrados parece provável que tal rota e tal tentativa de ataque sejam da autoria dos Angonis dominados pelo clã Maseko. R. Summërs (¹⁶⁰) conseguiu traçar, em bases seguras, o itinerário seguido pelo grupo de Zwanguendaba no actual território da Rodésia.

Apenas se recusou a ultrapassar o Zambeze um dos segmentos que compunham o seu grupo, segmento dirigido por uma mulher chamada Nyamazana e que continuou a devastar o território chona até ser, finalmente, incorporado no reino Ndebele.

Para melhor compreensão não só das disputas e cisões em que se envolveram posteriormente os seus descendentes mas também das dificuldades levantadas pelo caprichoso direito de sucessão dos grupos de origem angune, convém narrar desde já dois incidentes ocorridos durante

(*) O musicólogo Hugh Tracey deu-nos pessoal conhecimento de ter recolhido em Mzimba, no Malawi, entre os Angonis Jere (clã de Zwanguendaba) uma bela canção em escala heptatónica, isto é, diferente da pentatónica típica dos puros Vangunes — canção que anteriormente ouvira na região de Fort Victoria, na Rodésia. Tinha o título de «Sakunaka» e contava a história de um jovem de grande beleza. Fora transmitida pela tradição oral deixada pelas mulheres feitas cativas naquela região.

os dozes anos em que Zwanguendaba e os seus súbditos devastaram o actual território da Rodésia. Incidentes aparentemente insignificantes mas que vibraram golpe fatal na unidade política mantida pelo hábil monarca durante um quarto de século. Antes de os resumirmos convém apontar que, segundo o costume, a primeira mulher dos membros da nobreza não era considerada como a principal nem tão pouco era no seu primogénito deferida a sucessão. Tal estatuto e tal direito cabiam à segunda esposa e ao seu primogénito, para quem era construída uma povoação especial, a *nyumba ya lusungulo*.

Outro curioso costume relacionava-se com o agrupamento das rainhas em células de co-esposas, cada qual constituindo uma «casa» independente.

C. J. W. Fleming⁽⁵⁴⁾, em estudo recente, resume assim os incidentes a que nos reportamos.

O *inkosi* pretendeu, em determinada ocasião, casar com uma jovem swazi denominada Munene. Registou-se, no entanto, um inexplicável engano e quem veio a participar nas cerimónias nupciais não foi a pretendida mas sua irmã Q'utu. Zwanguendaba, quando ciente do lapso, insistiu em corrigi-lo. Com efeito logo a seguir contraiu matrimónio com Munene. Acontecendo que teve filhos de ambas as irmãs, levantou-se a questão de saber qual destes deveria beneficiar do estatuto de senioridade. Ora Zwanguendaba parece nunca ter considerado Q'utu esposa subordinada de Munene e com ela integrada na mesma «casa». Pelo contrário, cada uma das irmãs constituiu e deu origem a uma «casa» independente, passando a de Q'utu, com o decorrer do tempo, a beneficiar de «status» superior.

O segundo incidente ocorreu durante uma recepção oferecida a visitantes pelo monarca. Foi encontrado um cabelo humano flutuando num dos potes de cerveja enviados pela capital real de Emveieieni, onde residia a rainha principal, Lompetu, sem filhos, e sua co-esposa Soseia, então grávida. Suspeitando de uma prática de magia negra destinada a suprimi-lo, o *inkosi*, ensandecido pela cólera, convocou alguns conselheiros e, após discussão, foi decidido chacinar por completo os habitantes da referida capital real, incluindo as duas rainhas. A Guaza Jere, da capital real de Elangeni, fundada pela avó de Zwanguendaba, comandante do destacamento de guerreiros encarregado de executar a cruel decisão, faltou o ânimo para matar as duas rainhas, tendo decidido escondê-las na sua própria capital. Anos decorridos, quando veio a confessar a desobediências cometida, Zwanguendaba houve por bem perdoar-lhe, abraçar as duas rainhas e reconhecer como seu o filho entretanto nascido.

Todavia nunca as reintegrou na capital principal nem nas suas anteriores posições dignitárias.

Assim se originou a questão — arrastada, insolúvel e fonte de tantas dissensões e fragmentações — de definir qual dos filhos seria o legítimo sucessor: o de Soseia, o de Munene ou o de Q'utu?

Após a travessia do Zambeze estabeleceu-se o grupo durante cinco anos no país Nsenga, onde incorporou muitos cativos. prosseguiu depois em direcção nordeste, entre o rio Luangua e o Lago Niassa.

Na região de lagoas de Mawiri, entre o povo cheua, fez uma nova pausa de quatro anos. Evitou envolver-se em grandes conflitos com os Bembas, que, a ocidente, dispunham de um estado robusto e centralizado, com armas de fogo e povoações fortificadas. Fizeram, no entanto, numerosas incursões e cativos entre os Tumbukas, dispersos, como os cheuas, em pequenas tribos sem possibilidades de defesa contra os disciplinados regimentos angonis.

Por vezes foi impossível a Zwanguendaba evitar crises internas derivadas das profundas diferenças culturais existentes entre os elementos incorporados nas suas fileiras. Sentindo-se velho e doente, houve quem levantasse a suspeita de ser vítima de práticas de feitiçaria. Os Nsengas, Cheuas e Tumbukas, conseguiram evitar o perigo que os ameaçava por serem membros de mais fresca data, fazendo recair as acusações sobre os Tsongas incorporados em Moçambique, que foram vítimas de cruel massacre.

Na incessante procura de novas áreas a saquear, um dos regimentos, conduzido pelo *induna* Piceia, atingiu o país Ufipa perto da costa sudoeste do Lago Tanganhica. Trouxe consigo tão belos exemplares de gado bovino que Zwanguendaba ordenou nova migração da sua gente. Junto das nascentes do Luangua fez novo alto para enviar uma grande expedição a reconhecer a costa ocidental daquele lago. Como voltasse com informações desprovidas de interesse, o velho *inkosi* decidiu transferir-se, como originalmente tinha planeado, para o planalto Ufipa. Aí construiu nova capital, com o nome de Mapupo e aí faleceu entre 1842 e 1848.

Cedo os pretendentes ao trono, lançando-se em dissidências e disputas de sucessão, conseguiram destruir a unidade política habilmente mantida durante um quarto de século.

Mandava o costume que se apontasse um regente até decorrer um ano após o término dos últimos ritos funerários. Para tal cargo foi escolhido Ntabeni, irmão júnior de Zwanguendaba, que suportava a causa de Mpezeni e detestava Munene, chegando ao ponto de a expulsar com o filho Mbelwa da capital real. Mais tarde, por razões desconhecidas,

todas as viúvas de Zwanguendaba abandonaram o regente e acolheram-se à tutela de Mgai, primo do falecido *inkosi*. Mas Ntabeni pouco tempo teve de vida e, após o passamento, assumiu a regência seu primo e rival Mgai.

Temeroso de represálias, Ngodoi, filho de Ntabeni, abandonou com os seus partidários o corpo principal e atingiu Uzunga, no Lago Vitória, onde uma parte se estabeleceu pacificamente, prosseguindo os restantes até Uha onde, depois de um longo período de razias e pilhagens, vieram a ser batidos pelos Nyamuezi e, em 1898, pelos alemães.

Mgai, por sua vez, decidiu deixar Mapupo e conduziu o corpo principal dos Angonis à região situada entre o extremo norte do Lago Niassa e o extremo sul do Lago Tanganhica onde fundou Chidhlohlo e onde veio a falecer. Mwombera tomou, finalmente, posse do supremo cargo de *inkosi*.

No entanto, os partidários de Mpezeni não haviam desistido das suas pretensões e, apontando como augúrio o facto de uma das primeiras expedições de Mwombera haver fracassado, defenderam que havia sido escolhido o errado *inkosi* e, dessa maneira, decidiram separar-se e partir para ocidente em direcção ao lago Banguelo.

Mwombera voltou a percorrer a região já atravessada por Zwanguendaba e estabeleceu-se de novo no país Tumbuka-Kamanga. Aí sofreu duas deserções. Por uma foi responsável o induna Chiwere Ndhlovo, de origem nsenga, que, nomeado comandante de uma expedição, decidiu estabelecer-se como *inkosi* independente, nas pastagens entre Kotakota e Domira, depois de submeter Cheuas e Chipetas. A segunda, mais importante, foi dirigida por Zulo-Gama, de ascendência angoni, que partiu para leste, contornando o extremo norte do Lago Niassa.

C. J. W. Fleming (⁵⁴) dá diferente versão dos acontecimentos posteriores à morte de Mgai. Mpezeni teria sido investido na chefia suprema, mas logo durante as exéquias fúnebres de Mgai, Zulo-Gama, plebeu de sangue angoni, teria conseguido desertar com o seu séquito. Pouco depois foi imitado por Chiwere Ndhlovo. Como piorassem as relações entre o novo monarca e o seu meio-irmão Mbuelwa, protegido de Guaza Jere, este último, numa manobra temerária e preparada no maior segredo, partiu com os dois príncipes Mbuelwa e Mtwalo. Mais tarde juntou-se-lhes o grupo chefiado por Muachumi, tutor de Mperembe, um dos filhos mais novos de Zwanguendaba. A questão sucessória que continuava a minar a harmonia entre o grupo de Guaza Jere foi pacificamente sanada com a desistência de Mtwalo às suas pretensões.

Seja como foi, o grupo chefiado por Zulo-Gama, mais tarde conhecido por Gwangara, devastou a região meridional da actual Tanzânia, até que, já sob o comando de Mbonani — de clã diferente do *inkosi* defunto — atingiu Songea, onde encontrou instalado o grupo dominado pelos membros do clã Maseko, sob a chefia suprema de Mputa, grupo com quem se associou durante algum tempo e com cujo auxílio derrotou as forças enviadas em sua perseguição. Posteriormente, por temer os novos aliados, Mputa mandou matar, traiçoeiramente, Mbonani e vários dos seus indunas. Os Gwangaras conseguiram, também à traição, matar Mputa e atacar de surpresa os Masekos, que, batidos, atravessaram o Rovuma e se encaminharam para o Sul.

Estes Gwangaras surgiram em 1868, perto de Quíloa, bloquearam o comércio com o interior e derrotaram um destacamento árabe contra eles enviado. Devastaram e cobraram tributos no vale do Rovuma e na costa leste do Lago Niassa, integrando elementos de origem Ngindo, Pangwa, Yao e Ndendeule.

Devido às rivalidades surgidas entre os partidários de Mbonani e os descendentes de Zulo-Gama, os Gwangaras também acabaram por se subdividir em dois grupos distintos.

Entre os povos do sudoeste do Tanganhica que opuseram resistência aos grupos predatórios de vangunes, contam-se os Hehe. Em 1879 chegaram a atacar a capital de Mbonani, massacrando este chefe.

Em 1881 os dois reinos gwangaras uniram-se para tentar destruir os Hehe, tendo, no entanto, falhado no seu intento.

Mais tarde submeteram-se sem resistência aos alemães. Mas tomaram parte activa na revolta Maji-Maji, em 1905-1906. Ameaçados de extinção, mas salvos pela Grande Guerra, foram os dois *inkosi* oportunamente reconhecidos pelas autoridades britânicas.

Por seu lado, Mwombera tentou, como vimos, perseguir os foragidos mas, após a derrota que lhe infringiu a coligação entre Zulo-Gama e Mputa, retirou-se com seus irmãos Mtwaro e Mauzo para a região ocidental do lago. Cerca de 1850 ocupou o vale Henga e destruiu os Tongas do Lago Niassa, deslocando-se, finalmente, para o país Tumbuka, onde os primeiros missionários o visitaram em 1870. Daqui efectuou repetidas incursões e sujeitou os territórios Senga, Tongo, Cheua, Poka, Hanga e Kamango. O chefe cheua Mwaza Kazungo foi atacado cerca de 1860, mas conseguiu repelir os invasores graças às armas de fogo fornecidas pelos árabes. Posteriormente, os dois rivais entraram em acordo, passando Mwaza a considerar-se «protegido», fornecendo inclusivamente guerreiros

armados de espingarda, que Muombera utilizou nos seus constantes «raids». Falecido este em 1891, foi o reino governado pelo regente Ngonomo até 1896, data em que ascendeu Mbalekelua ao trono.

Entretanto Mpezeni não desistira das suas pretensões de autonomia e, neste intuito, partiu para sudoeste com seu irmão Mperembe, até que em 1856 os Bembas o forçaram à retirada. Raziou as terras dos Bisas e Lalas ao Lago Banguelo.

Posteriormente, Mperembe abandonou Mpezeni para voltar a juntar-se a Mwombera, no país Tumbuka. Mpezeni partiu para leste e, atravessando o Luangua, estabeleceu-se no país Nsenga, no vale do Matambazi, cerca de 1865. Deve ter sido depois desta data que os seus destacamentos ameaçaram o sul da Macanga, onde reinava a célebre dinastia dos Caetanos Pereiras.

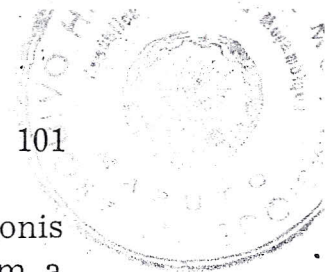
Entre 1870 e 1880 decidiu transferir-se para as ricas terras de pasto, entre os rios Lutembue e Msipazi, onde os britânicos, pela primeira vez, o contactaram. Durante a estação seca os seus homens saqueavam e efectuavam razias e cativos regularmente entre os povos Cheua, Bisa, Kunda, Senga, Lala e Ila, seguindo uma política de assimilação mais pronunciada que Mwombera.

Em 1885 Mpezeni autorizou o negociante alemão Carl Wiese, casado com Dona Romana Coelho, de Tete, a caçar no seu território. Concedeu-lhe igualmente permissão para efectuar explorações. Graças à sua influência pessoal, procurou Wiese captá-lo para a esfera portuguesa, chegando a convencê-lo a não efectuar quaisquer tratados com Thomson e Sharpe em 1890. Mas o acordo luso-britânico de 1891, que incluía o reino angoni dentre as fronteiras britânicas, veio gorar os seus esforços.

Wiese, depois de peripécias que não interessa historiar mas que são referidas, em pormenor, por Barnes (¹³), conseguiu vender a sua concessão mineira a uma companhia formada em Londres, a qual iniciou as prospecções em 1896.

Mpezeni, no entanto, não tinha qualquer intenção de cessar as suas incursões armadas nem de se submeter à coroa britânica. O explorador francês Foà (^{55,56}), que atravessou as terras do Undi em 1891 e 1895, foi testemunha das ferozes e repetidas incursões dos angonis para obtenção de mantimentos e cativos de guerra.

Embora Mpezeni não fosse, aparentemente, favorável à guerra contra os europeus, o mesmo se não podia afirmar de seu filho Nsingo, nomeado comandante-em-chefe.



Em 1897 chegaram à Niassalândia notícias de que os Angonis ameaçavam a vida de Wiese, já a soldo da coroa britânica, e também a de um funcionário da «British South Africa Company». O comissário britânico decidiu intervir militarmente e, em 1898, organizou uma expedição contra Mpezeni.

Apesar do declínio do poder central do *inkosi*, declínio devido às tendências separatistas dos diferentes segmentos em que se dividia a estrutura político-social, a reacção dos Angonis à penetração europeia foi diferente da dos povos locais: em vez de se dividirem, uniram-se ao redor dos seus chefes de guerra e ofereceram luta. Guerreiros por excelência, não viam qualquer futuro numa sociedade onde a guerra fosse proibida (^{139A}).

Seja como for, perante a expedição inglesa de 1898, os Angonis mobilizaram os seus regimentos mas, como aconteceu entre os outros grupos da mesma origem, cometeram o erro de usar contra a artilharia e as metralhadoras europeias, às mesmas tácticas com que tinham vencido tantas tribos africanas. Nsingo foi capturado, julgado e fuzilado. Mpezeni rendeu-se, tendo-lhe sido confiscado quase todo o armentio.

*

As especiais características deste grupo explicam-se pelas diferenças verificadas entre o ambiente em que atingiu a sua plenitude e aquele em que se devolveram Zulus e Swazis. Os Angonis de Zwanguendaba, além de viverem em estado de nomadismo agressivo durante quase setenta anos, capturaram largo número de adolescentes e mulheres de origem díspar, que foram individualmente integrados. Já Zulus e Swazis efectuaram a sua expansão pelo acréscimo de grupos sociais completos, pertencentes a povos com quem tinham nítidas afinidades culturais e linguísticas.

Estas circunstâncias impuseram que fosse abandonada a ancestral orgânica por meio de rígidas linhagens agnáticas. Em seu lugar foi elaborado um sistema residencial, parcialmente agnático, no qual os indivíduos prestavam vassalagem não aos parentes seus maiores mas ao seu senhor ou captor. Este sistema encontrava-se, contudo, ligado a uma superestrutura de povoações reais que por seu lado constituía uma adaptação das «casas» em que se dividiam tradicionalmente as povoações vangunes: a grande, a da esquerda e a da direita.

Por ocasião da conquista britânica, ocorrida em 1898, havia entre os Angonis de Mpezeni quatro importantes povoações reais, cada qual com uma população que atingia alguns milhares.

Associados a cada povoação real havia não só diversas povoações plebeias como também diversos governadores distritais, cada qual responsável por um agregado de povoações, entre os quais tinha o seu domicílio.

É importante saber que os senhores que dispunham de numerosas esposas, frequentemente cativas de guerra, as agrupavam em «células» de cerca de seis. Em cada «célula» as co-esposas juniores, os filhos, os lugar-tenentes e outros dependentes adquiridos por captura, encontravam-se sob a autoridade de uma «mulher grande». Os indivíduos pertencentes a cada um destes grupos formavam um segmento distinto. Porém, as esposas que constituíam cada «célula» podiam agrupar-se em duos ou trios interligados. Tal acontecia quando qualquer delas se revelasse estéril e, pelo costume, tivesse que ser complementada por uma parente agnática, ou, ainda, quando se pretendesse homenagear o senhor pela oferta de uma cunhada.

A primeira «célula» de co-esposas dispunha de ascendência hierárquica sobre os restantes. A esposa a quem competia a respectiva chefia era também a principal mulher. E o seu primogénito era o herdeiro do senhor. Por seu lado, os primogénitos das restantes «células» herdavam o respectivo segmento. Mas assim que se casassem, os filhos da nobreza, herdeiros ou não, podiam fundar os seus próprios segmentos.

Desta maneira, o indivíduo podia ser, simultaneamente, dono de um segmento fundado pelo pai e dono de outro segmento menor integrado no primeiro e fundado por ele próprio.

Este sistema deu origem a frequentes disputas de sucessão. Se o indivíduo possuísse muitas «células» de mulheres não havia, por norma, dúvidas sobre qual seria a «célula» sénior e, dentro dele, a «mulher grande». Mas em geral não era possível alinhar essas «células» nem tão-pouco os herdeiros segundo uma simples ordem linear de senioridade. Também não era possível fazê-lo em relação aos segmentos que lhes correspondessem.

Assim, o sistema político coincidia com o sistema territorial. Os padrões da residência e subordinação política sobreviveram às constantes migrações. Barnes (13) compara esses constantes grupos residenciais a navios, de variável função e tonelagem, navegando em formação dispersa, numa esquadra em movimento.

Acontecia, no entanto, que o indivíduo era forçado a abandonar o seu próprio segmento, para se integrar num segmento real, quando era nomeado pelo monarca para os cargos de *alumuzana* ou *induna*.

A importância e a posição relativa de qualquer segmento da estrutura política também se encontravam sujeitas a alterações. Bastava para

tanto que o respectivo dirigente falecesse em combate ou caísse em desgraça.

*

Pode dizer-se que as posições mais importantes na estrutura política eram ocupadas por membros da linhagem real, as suas rainhas e princesas, os governadores distritais, *alumuzana* (pl.) e os lugar-tenentes, *nduna* (pl.).

Os *alumuzana*, descendentes na sua quase totalidade dos guerreiros que acompanharam Zwanguendaba na sua partida do Natal, encontravam-se igualmente organizados em segmentos e dispunham de elevado grau de autonomia, podendo conservar em seu poder todos os cativos de guerra que efectuassem. Só os *alumuzana* e alguns outros dirigentes gozavam do direito de usar o apelido clânico real, *Jere*, o epíteto laudatório *nkhoma*, e, enfim, ossos de bovino como ornamento.

Nos numerosos casos de fissão ocorridos após o falecimento de Zwanguendaba, as linhas de clivagem seguiram não o agrupamento etário mas o segmentário. Dentro do estado o processo de segmentação e de diferenciação espacial era, em geral, de natureza pacífica. Já o processo de fissão se revestia de grandes riscos. Ambos os chefes dos grupos dissidentes mobilizavam os seus guerreiros, o primeiro para proteger os foragidos, o segundo para perseguir e aniquilar os traidores. Caso o seu movimento fosse bem sucedido, o chefe trãsfuga fundava um novo estado e arrogava-se o direito ao título de *nkosi*, à saudação de *bayete* e a outros símbolos de poder, como a realização da cerimónia anual das primícias.

Cada membro importante da aristocracia tinha ao seu serviço um número variável de *indunas* de confiança, em teoria dispostos hierarquicamente de harmonia com a data de criação dos respectivos cargos. Além disso escolhia também um *m'nawa*, parente patrilinear da mesma geração que o substituíria nas ausências e actuava como intermediário entre ele e os *indunas*.

A designação *induna* era usada a todos os níveis do sistema residencial e aplicava-se até mesmo aos varões que ainda não houvessem fundado o seu próprio segmento. Cada *induna* era escolhido pelo seu senhor para assumir a responsabilidade por determinada tarefa ou função.

A importância dos chefes de povoação, *inkhosana*, era independente do tamanho ou da ordem do seu segmento e, em parte, devia-se ao controlo *de facto* que exerciam sobre o gado pertencente *de jure* ao rei.

Os numerosíssimos cativos e cativas de guerra, bem como todos os aderentes que voluntariamente procurassem protecção, eram sistematicamente integrados nos diferentes segmentos. Os homens válidos incorporavam-se no regimento formado pela respectiva classe de idade e, independentemente da origem étnica, podiam guindar-se, pelo seu valor pessoal, a elevadas posições na hierarquia estadual.

Este método permitia multiplicar a população a um ritmo fantástico. À medida que o exército se tornava mais poderoso, aumentava, simultaneamente, a possibilidade de obter cada vez maior número de cativos de guerra.

Mas não deixava de ser um método assaz flexível. Muito embora os princípios da primogenitura e de descendência agnática nunca fossem violados, era impossível prever qual a mulher que se tornaria chefe da sua «célula» de co-esposas, qual a «célula» que seria beneficiada com maior número de dependentes, quais os filhos juniores que seriam distinguidos, nem quais os dependentes que seriam nomeados *indunas*. Acresce que os membros do clã dominante, Jere, se associaram, em assuntos seculares, com os membros do clã que dominava os autóctones, isto é, o *Phiri*.

O sistema durou apenas setenta e dois anos, mas o meio milhão de indivíduos integrados nos diversos grupos angonis derivados de Zwanguendaba e do seu pequeno regimento, podiam traçar a sua descendência até esse notável condutor de homens.

*

Um novo regimento era formado cada três ou quatro anos, de harmonia com as necessidades militares e o número de adolescentes que possuíssem cerca de 15 anos de idade. Os recrutas reuniam-se perante todo o exército, na povoação da mulher grande do rei. Um veterano era nomeado comandante do novo regimento.

Este sistema era também flexível. Devido ao seu valor militar ou para reforço de fileiras desfalcadas, o guerreiro podia ser transferido para um regimento mais antigo. Premiado pelos seus superiores com cativos de guerra, os mais valorosos podiam avançar na escala social, estabelecendo o seu próprio segmento, caso o não tivessem ainda.

As jovens eram igualmente organizadas em grupos de idade dirigidas por princesas reais e outras aristocratas. Os jovens de ambos os sexos pertencentes ao mesmo grupo de idade dançavam conjuntamente em ocasiões cerimoniais.

Assim o sistema zulu de classes de idade continuou na base da orgânica militar, mas os comandantes de regimentos não tinham origem real ou aristocrática. Tão-pouco havia aquartelamentos distintos para os guerreiros de cada regimento. O grosso da população vivia em grandes povoações, semelhantes às antigas capitais reais. Nos campos militares os guerreiros coabitavam com suas mulheres e filhos. Dentro de cada regimento agrupavam-se de harmonia com o seu lugar na divisão residencial.

Este sistema também diferia do praticado pelos Zulus devido ao facto dos senhores dos maiores segmentos, sem que para isso tivessem de dar conhecimento ao monarca, poderem mobilizar parte dos guerreiros de determinado regimento para os enviar em incursão, por sua própria conta.

A mais importante cerimónia nacional, *nkwala*, relacionava-se com as primícias e realizava-se anualmente na povoação do segmento da «mulher grande», com ritos mágicos reforçando a coesão do Estado e o poder do *nkosi*. Era organizada por grupos de idade, competindo os vários regimentos masculinos e femininos com canções, danças e lutas simuladas. À guisa de conclusão podia ser decidida uma expedição guerreira à escala nacional.

As condições de vida nómada durante 70 anos tornaram dispensável um sistema bem desenvolvido de propriedade agrária. Depois de alguns anos de exploração dos recursos do solo a nação transferia-se, em globo, para outro local julgado propício.

O poder media-se fundamentalmente pelo número de cativos, aderentes e dependentes. O próprio gado bovino (tão importante forma de prestígio e riqueza nos restantes grupos vangunes) parece ter sido objecto de largo consumo entre os súbditos de Zwanguendaba ⁽¹³⁾.

É de supor que apenas os *alumuzana* desfrutassem do privilégio de conservarem os cativos que eles próprios efectuassem. É provável que a maioria dentre estes fosse pelo *inkosi* dividida entre as rainhas, os parentes e dirigentes dos segmentos que, por sua vez, os distribuía aos seus guerreiros.

Tanto o gado como os indivíduos capturados eram divididos de modo muito semelhante. O primeiro apenas teoricamente pertencia ao monarca. Na prática era distribuído aos chefes dos segmentos que o abatiam ou davam em pagamento do lobolo dos seus dependentes.

As relações que estes grupos angonis mantinham com os seus vizinhos eram quase exclusivamente de hostilidade armada: não comer-

ciavam, não enviavam embaixadas. Só excepcionalmente realizaram alianças. Limitavam-se a massacrá-los ou a capturá-los.

O Estado angoni de Mpezeni era espacialmente separado do mundo exterior por um largo e desabitado círculo de terra-de-ninguém.